



### EM CADA HOMEM UM CORAÇÃO DIFERENTE

Na universalidade das formas de pensar de cada ser humano, uma das preciosidades que qualquer um de nós pode constatar a cada instante é a forma de se reagir perante tudo o que nos envolve. Seja no jeito agreste ou benevolente como nos posicionamos; seja pelas motivações diversas com que o nosso espírito se confronta perante qualquer questão; seja pela lucidez ou pelo embotamento derivado das paixões com que nos pronunciamos acerca dum determinado problema; seja, ainda, pelas variações da nossa verdade objectiva, consoante os elementos em análise nos vão alterando a postura.

E este evolutivo que se vai desenrolando dentro de nós é claramente visível no fenómeno da existência. Muitas das vezes, o nosso olhar de hoje diverge frontalmente com a visão que tínhamos ontem do mesmo assunto, porque o tempo nos vai lapidando ideias, os anos nos vão mostrando outro leque de aceitação das coisas, a vida nos vai criando hábitos irreversíveis – bons e maus – que influenciam as sociedades e o seu comportamento.

Em traços gerais, as sensibilidades individuais e colectivas vão-se modificando furtivamente e, ao todo que nós somos, só nos resta aceitar as normas que, tantas vezes, a moda vem introduzir nas nossas relações para perdermos o comboio do progresso e da actualidade. Veja-se, por exemplo, que a liberdade universal que vem sendo conquistada a pulso pela massa anónima do povo, trazendo com ela inúmeros factores de sinal positivo e negativo – desde a clareza dos pensamentos à partilha do que de bom a juventude vai mostrando, até à perda do sentido de família e à noção do próprio patriotismo – ao dar razões ao direito universal de cada um se tornar responsável pelo seu futuro, trouxe, por arrastamento, um avolumar das inconsciências e, delas, um acréscimo descontrolado da delinquência e da desumanidade.

O nosso olhar já não se fixa, hoje, sobre os nossos semelhantes, da mesma forma como se debruçava no tempo dos nossos avós. A inexperiência da juventude, agravada pela demissão dos pais se dedicarem a tempo inteiro à educação dos filhos, ou dos professores se



devotarem com espírito de missão ao caminhar dos seus educandos, traduz-se, hoje em dia, num anormal enveredamento dos mais novos por percursos extremamente arriscados. Nos tempos que correm, a passividade de nós todos, virados mais para os réditos do trabalho ou da governação que nos proporcionem a satisfação de objectivos pessoais, tem-se mostrado em choque frontal com o que todos aspiramos no futuro para o colectivo que somos. Em vez da virescência dos mercados de trabalho o aumento do desemprego; em vez do desafogo das economias públicas ou privadas, a crise generalizada; em vez da paz que tanto se procura, o aumento indiscriminado dos conflitos; em vez do diálogo construtivo, a disseminação dos actos de terrorismo.

Quando em 1945 foi lançada sobre Hiroshima a primeira bomba atómica, o mundo homem comum, atónito, não se apercebeu de imediato dos reflexos que o acto haveria de trazer para a vida. Só mais tarde as sensibilidades de cada um vieram a reagir e a rebelar-se contra o caminho que naquele momento estava a ser proposto para a vida deste planeta. Hoje, tornou-se ponto assente que a energia nuclear, com os perigos que comporta, não deverá passar das experiências laboratoriais enquanto não puder ser controlada exclusivamente para fins pacíficos.

Mais tarde, com os múltiplos conflitos internos no continente africano – e não só – as nações civilizadas acabariam por entender (não totalmente) que a exploração das riquezas das mais pobres deveria reverter para o exclusivo fomento de quem as possuía. Veja-se Angola, Timor, ou Médio-Oriente, este último ainda alvo de cobiças imensas. Tudo numa mudança de modos de sentir que tarda em criar alicerces definitivos de consciências.

Por outro lado, se virarmos os nossos olhos para o fenómeno, bem visível no nosso país, das disparidades consentidas nos níveis de riqueza individual, onde uns se passeiam indiferentes à miséria de outros que a seu lado vegetam, onde alguns têm capacidade reivindicativa e alcançar benefícios e a outros o sistema lhes negou esse direito (vejam-se certas classes trabalhadoras de elite e confrontem-se com o esquecimento para que tantos reformados têm sido remetidos) acabaremos por concluir que, pelo menos aqui, em Portugal,



as sensibilidades dos responsáveis por este estado de coisas ainda se encontram num estado embrionário da sua evolução.

Sabemos que as mudanças e os aperfeiçoamentos da justiça não são fáceis de alcançar. Muitas vezes só dão passos em frente (bem fracos) quando os protestos se avolumam em demasia; outras mais quando a fome colectiva de liberdade inverte sistemas e impõe a sua lei.

Se é o tempo que vai corrigindo os erros do passado, é aos homens que lhes compete diminuí-lo. Mas não esqueçamos, porém, que a sensibilidade dos seres humanos é lerda no cambiar de conceitos, porque avessa, por natureza, a alterações que entrem em conflito com ideias preconcebidas.

Olhar hoje para o que fomos e fizemos ontem, ver e analisar com os olhos adaptados ao presente os caminhos que no passado erradamente tomámos como correctos e, sobretudo, saber tirar ilações atiladas do rumo a propor para o futuro, é tarefa árdua que a vida nos impõe. Daí o sabermos que só pelo apuramento intelectual, pelo entendimento claro das nossas insuficiências e pela percepção inteira da nossa menoridade, é que alcançaremos a perfeição das nossas sensibilidades, visando o bem colectivo em detrimento dos nossos interesses pessoais.

Penso, contudo, que, quando atingirmos esse estágio evolutivo, estaremos, utopicamente, à beira de ser divinos. E isso será, paradoxalmente, um findar dos interesses que da vida procedem.

Sensibilidade será, no fundo, o fenómeno da percepção das coisas pela excitação de nós mesmos, quer pela via objectiva (sensações externas), quer pela via subjectiva (sensações internas). E o fenómeno apontado revela-se mormente pela nossa capacidade sensorial: pelos olhos, pelo olfacto, pela audição, pelo tacto, pelo gosto. Pela riqueza em nos enternecermos ou nos irritarmos, em nos dividirmos entre o amor e o ódio, em nos compungirmos, nos comovermos ou nos escandalizarmos.



Nos enternecermos, por exemplo, à vista do *Taj-Mahal* como símbolo arquitectónico supremo do amor, ou com um pôr-do-sol que ilumine de modo especial o nosso horizonte; nos compungirmos perante as imagens dos meninos africanos em que o volume dos seus ventres é directamente proporcional à fome com que são alimentados; nos horrorizarmos com a capacidade humana de, gratuitamente, terem sido exterminados milhões de seres nas câmaras de gás dos campos de *Auschwitz*; nos sentirmos perfeitamente impotentes à vista dos actos de terrorismo que se vão cometendo neste mundo e das represálias que, sobre eles, se praticam em nome dum fictício direito de resposta; nos sublimarmos culturalmente com os acordes de uma peça de música ou nos apiedarmos perante a espantosa verdade e a incrível perspectiva duma tela como a do “Cristo Crucificado”, de Salvador Dali.

A sensibilidade é tudo isto. Diverge de ser para ser; de coração para coração. É um espelho invisível que nos retrata o espírito, através da óptica das nossas preocupações, dos nossos desejos, das nossas dádivas, dos nossos erros e dos nossos acertos. É, porventura, o sinal peculiar que nos define do mundo como seres pensantes e com o qual, muito lentamente, vamos edificando a vida, tanta vez por tortuosos e ínvios caminhos.